

ENTREVISTA

RAUL PONT DO LABIRINTO À FUNDAÇÃO DO PT

POR **FLAVIO KOUTZII, JEFERSON MIOLA,
MARCO WEISSHEIMER E JUAREZ GUIMARÃES**

REALIZADA EM FEVEREIRO DE 2014, EM PORTO ALEGRE .

APRESENTAÇÃO

Em uma tarde do final do mês de fevereiro de 2014, Flavio Koutzii, Jeferson Miola, Marco Weissheimer e Juarez Guimarães realizaram esta memorável entrevista com Raul Jorge Anglada Pont.

Em 2014, Raul Pont completa 70 anos de vida e celebra 50 anos de uma militância revolucionária infatigável, perseverante e exemplar.

Esta entrevista com Raul tem uma significação histórica. Por três razões, ao menos: porque é um registro reflexivo da transição entre dois mundos e duas épocas da formação da esquerda brasileira contemporânea; porque o seu relato é o testemunho vivencial de dois quadros políticos que tiveram a origem da militância nos tumultuosos anos 1960; e porque nela se enuncia o contexto e o sentido da fundação de uma nova tradição do socialismo democrático brasileiro que vem a ser hoje a tendência mais antiga do Partido dos Trabalhadores.

RAUL PONT

Foi líder estudantil na UFRGS, bancário, funcionário público e dirigente sindical. Fundador do PT, foi deputado federal (1991-1992), deputado estadual (2003-2007; 2007-2011); vice-prefeito (1993-1996) e prefeito de Porto Alegre (1997-2000). Defensor da participação popular, é Deputado Estadual (2011-2014) e Presidente do PT/RS.

ENTREVISTA
RAUL PONT

Nesta entrevista, enfim, anunciam-se as razões inaugurais de uma esperança que persiste ao longo dos tempos.

Agora em seus 70 anos, Raul é um patrimônio do PT e da esquerda latino-americana e internacional. É muito rara uma construção coerente e íntegra como a do Raul. Essa construção de uma identidade pública socialista tão singular e, ao mesmo tempo, de uma doação de sentido coletivo; este intenso e imenso *nós* que organiza a vida dele.

A política impregnou por completo a vida de Raul. Para ele, a política significou mais que um instrumento para a conquista de poder na sociedade desde uma perspectiva de esquerda. A política para ele sempre foi, por excelência, um poderoso veículo para expressar sua visão de mundo. No universo público e nas relações privadas – nessas dimensões tão complexas, contraditórias e desafiadoras para todo militante socialista –, Raul também se constitui em uma rara síntese.

Com a coerência e retidão de suas atitudes, exerce a política como um combate radical ao capitalismo e à opressão em todos os planos – na vida familiar, nas obrigações domésticas, nas amizades, nos vínculos afetivos, na vida partidária, nos mandatos eletivos.

Ou seja, também nessa perspectiva o Raul tem conseguido exercer, como poucos, o difícilíssimo esforço de construir o “novo homem” e o “outro mundo possível”. Nas palavras de Lívio Maitan, Raul seria essa espécie de “exilado de um tempo futuro”, uma antítese da pós-modernidade neoliberal, alguém que prefigura agora – e não adia para amanhã – as possibilidades de um mundo diferente e melhor.

Em meio à crise das tradições socialistas, refletir criticamente sobre a trajetória do Raul, sua potência e seus limites, é uma experiência e uma viagem às nossas origens, ao que somos e ao que poderemos vir a ser.

Apesar da “escuridão” daqueles tempos e da inexperiência intrínseca a uma geração emergente, Raul sempre recusou as formulações banais e fáceis, assim como sempre repeliu de

maneira enfática o sectarismo e o dogmatismo, e soube portar-se com visão histórica na crítica ao stalinismo.

Pela transcendência e pela riqueza do material reflexivo aqui contido, optamos realizar em duas etapas este diálogo com os cinquenta anos de militância de Raul Pont. Esta primeira etapa cobre exatamente a origem vertiginosa de sua militância, em meio ao grande labirinto da crise do PCB e das primeiras alternativas que a ele se construíram, até a fundação do PT, que marca um novo tempo e um recomeço para a experiência da esquerda socialista brasileira.

Vida longa ao Raul!

ENTREVISTA

RAUL PONT

ENTREVISTA
RAUL PONT

JUAREZ GUIMARÃES: A coincidência da sua entrada na universidade aos 20 anos com o golpe de 1964, a experiência de grevista no sindicato dos bancários, a forte presença de correntes estudantis de esquerda, formaram, por assim dizer, Raul, um período de iniciação vertiginoso da sua militância. Mas nos interessaria recuperar aqui, para além de um mero registro biográfico, quem era o Raul Pont antes dos 20 anos. Que elementos de esquerda compareceram na sua própria formação? Já havia um sentimento de esquerda, mesmo que incipiente, ou sua entrada na militância foi a abertura radical de um novo mundo?

RAUL PONT: Eu não tinha nenhuma experiência prática nem orgânica em Uruguiana, seja de movimento estudantil, seja de algum contato com algum grupo legal ou clandestino. Uruguiana era pequena, uma cidade do interior, bastante conservadora, ainda que na época governada pelo PTB. Eu tinha uma preocupação cultural, gostava muito de ler. A minha família tinha ligação religiosa forte. Pelo lado da minha mãe, católica, e pelo lado do meu pai, metodista, mas eu não tinha nenhuma disposição, nada me atraía na igreja ou no culto aos domingos. Eu achava melhor ficar em casa lendo do que ir a um culto religioso. Gostava muito de história, gostava muito de geografia, gostava muito de ler, acompanhar os acontecimentos, estar a par do dia a dia. Os grêmios estudantis daquela época eram muito lítero-artísticos, como se dizia, no interior. Aqui na capital podia ser um pouco diferente. Mas o fato de existirem os grêmios na escola já era um motivo, uma razão que obrigava a falar em público, estimulava a ter um posicionamento. O que eu mais fazia em Uruguiana, durante o segundo grau, era trabalhar com meu pai. Ajudava meu pai no escritório de contabilidade e jogava basquete. Esta sim, minha atividade mais constante e preferencial.

JUAREZ GUIMARÃES: Mas havia figuras de esquerda públicas em Uruguiana. Você teve contato com elas?

RAUL PONT: Sim. Havia figuras públicas que eram reconhecidas como de esquerda, mas eu não tinha uma relação pessoal com elas. Um tio meu, durante um pequeno período, teve certa aproximação, quando da sua juventude, com o Partido Comunista. Por isso, encontrei na biblioteca lá da casa do meu pai algumas obras. Obras que eram editadas pela editora Calvino, que publicava muita coisa do Partidão. Livros, manuais de economia política, alguns livros básicos de formação, uma biblioteca de formação política do Partidão. Mas eu não fazia disso um vínculo, uma relação. Outro tio era engenheiro na prefeitura, então quando os irmãos se encontravam em casa sempre dava debate. Era comum isso, opiniões contraditórias, eles discutiam muito, e isso me despertava a atenção, gostava disso. Na época, não tinha televisão, não tinha internet, as pessoas tomavam mate na calçada antes da janta. Encontravam-se na calçada, na rua, com os vizinhos, para conversar, trocar ideias. Mas isso estava longe de uma experiência de esquerda.

Socialmente, a minha atividade principal era a esportiva. Quando cheguei a Porto Alegre, vim já trabalhando no Banco Riograndense de Expansão Econômica e, como era praxe essa história de que para a entrada na universidade era preciso fazer um cursinho pré-vestibular, entrei no cursinho Mauá em um horário que desse para combinar com o meu trabalho no banco. Fiz uns meses de cursinho. Foi uma primeira socialização aqui em Porto Alegre, onde tinha alunos que conheci ali e iria reencontrar na universidade no ano seguinte. Foi no curso pré-vestibular que comecei a tomar contato com o debate que já ocorria na universidade e na sociedade sobre as Reformas de Base.

JUAREZ GUIMARÃES: Você já tomava partido pela esquerda nesse contexto?

RAUL PONT: Eu já era eleitor em 1962 e votei em Uruguaiana. Mas votei assim, sem discussão, sem orientação, votei por-

ENTREVISTA
RAUL PONT

que tinha que votar. E depois eu me dei conta de que foi um voto meio perdido, porque votei no Fernando Ferrari, e o PTB se dividiu. A candidatura apresentada pela maioria do PTB, pelo Brizola, na sua sucessão, era o Egídio Michaelsen. Era do PTB, mas era um banqueiro, e não me inspirava confiança. No Ildo Meneghetti era difícil de votar, pois era a representação da unidade da UDN, PL, PSD gaúcho. Então a tradicional polarização, em 1962, no Rio Grande do Sul, foi quebrada porque a candidatura do Fernando Ferrari, com a dissidência do Movimento Trabalhista Renovador (MTR), com boas ou más intenções, de fato tirou os votos do Michaelsen, de forma mais que suficiente para permitir a vitória do Ildo Meneghetti. Talvez a história brasileira tivesse sido diferente se isso não tivesse acontecido, porque, quando do golpe de 1964, a situação em Porto Alegre era muito parecida com 1961. No entanto, quem estava no governo, quem controlava a Brigada Militar, não era mais Leonel Brizola, era Ildo Meneghetti. Foi ali no cursinho, e, depois, quando entrei na universidade, que realmente comecei a ter uma compreensão e uma visão de que o engajamento na atividade política era necessário, era importante, e que tinha que se ter opinião, partido. No primeiro mês de aula, foi um choque para nós o afastamento do Flavio Koutzii da presidência do Centro Acadêmico. Ocorre um golpe lá em Brasília e cassam aqui o nosso presidente! Dirigentes do Centro Acadêmico entram em sala de aula e conclamavam os colegas a defender o presidente. Bom, era uma luta justa, democrática, que tinha de ser feita. E o meu ingresso na atividade política foi na Filosofia da UFRGS. Foi ali, no curso de História, que eu comecei a tomar consciência de uma série de coisas das quais eu tinha uma ideia muito genérica, muito pouco precisa. Até o meu voto de 1962. Só depois, mais tarde, fui compreender o racha, a dissidência do PTB, a relação de forças que existia. Isso não passava na cabeça de um cara com 17, 18 anos em Uruguaiana. Votei porque achava que era o que parecia melhor. Não tinha identidade nenhuma com a

candidatura do Ildo Meneghetti ou do Wolfran Meltzer, que era o candidato do Integralismo, do PRP. Já em Porto Alegre, tínhamos um grupo de uruguaianenses que se encontrava por razões sociais, por razões de origem comum. A gente se encontrava e o debate político entrava em pauta, quase sempre. Ai já apareciam divergências de enfoque entre nós, e isso fazia com que a gente fosse rompendo com Uruguaiana, com o passado. A minha trajetória em Uruguaiana, além da familiar, é muito mais uma experiência associativa de grêmio estudantil, de clube desportivo, e uma preocupação cultural, uma preocupação de ler, de leitura, que nunca perdi.

JUAREZ GUIMARÃES: A ideia seria exatamente entender mais essa passagem, em um período muito condensado, de um sentimento de esquerda para uma consciência de esquerda, para um engajamento em lutas até uma doação plena, como um quadro revolucionário. Isso em um período de tempo muito curto. Essa greve dos bancários de que você disse que participou, que papel ela teve nessa aceleração?

RAUL PONT: Aquela greve foi em 1965. O sindicato já estava sob repressão, sob ameaça, já havia uma intervenção no sindicato. A greve foi marcada por uma forte espontaneidade e uma decisão mesmo de base. O sindicato fazia assembleias lá no Cine Baltimore, participei de algumas. Mas o meu vínculo mesmo, associativo, era muito maior na universidade. A condição de assalariado, de trabalhador, a condição de ter participado dessa greve em pleno início da ditadura, em 1965, isso já me dava lado na vida. Eu trabalhava na rua Uruguai, na matriz do banco, e depois fui para a agência Azenha e fiquei lá até sair do banco na metade de 1966. A greve foi uma primeira experiência. Fizemos piquete. Seguramos uma boa participação na agência Matriz, mas sem sindicato, sem maior organização, a tendência foi voltar ao trabalho. Minha família sempre viveu do trabalho. Minha mãe sempre foi comerciante. O meu pai trabalhou como assalariado em um sindicato

ENTREVISTA
RAUL PONT

do comércio varejista. Antes, trabalhou no Colégio União de Uruguaiana. Antes de casar com a minha mãe, trabalhava na companhia de energia elétrica. Durante um tempo das suas vidas, dirigiram uma pequena padaria herdada do meu avô, que na fronteira não era o melhor negócio.

JUAREZ GUIMARÃES: Quer dizer, não tinha nenhuma barreira social para você ir para a esquerda, já que a sua família...

RAUL PONT: Não, isso tranquilamente, não tinha. Mas o meu engajamento político, vindo depois, de longe e com o tempo, foi muito maior na universidade, intelectual, teórico, do que vinha do sindicato. Claro que uma coisa tem que vir com a outra, mas, para mim, a cassação da diretoria do Centro Acadêmico abriu um processo de participação crescente.

FLAVIO KOUTZII: Foi a cassação.

RAUL PONT: É, com a cassação. Nós éramos calouros, eu estava entrando. Você tinha entrado em 1963?

FLAVIO KOUTZII: Sim.

RAUL PONT: Pois é, eu entrei na UFRGS em 1964, e, *bueno*, estava no primeiro mês, ali começando a conhecer a faculdade. Já estávamos reconhecendo professor que era ruim, professor que era bom, professor que tinha mais diálogo. O bar da Filosofia era, junto com o Centro Acadêmico, um lugar de permanente agitação. Então, isso foi um elemento que me levou primeiro, para um engajamento na defesa da diretoria deposta e, no final do ano, quando teve eleições, mesmo com o golpe e com a ditadura, na Filosofia se ganhou a eleição, com o Gri-vot na Presidência. Em 1965, elegemos o André Foster, numa aliança da AP/PCB. Eu não era da diretoria, não estava na chapa, mas comecei a participar, e, como eu estava ali no Centro Acadêmico e as pessoas sabiam que eu jogava basquete, eu me tornei secretário de esportes.

JUAREZ GUIMARÃES: Você já tinha algum vínculo com alguma corrente de esquerda?

RAUL PONT: Quanto a isso, na Filosofia, onde fiquei dois anos, depois fui para a Economia, nós já reconhecíamos que havia correntes de opinião distintas no movimento estudantil. Mas o golpe diluiu muito isso. A Ação Popular até 1964 era a grande opositora aos comunistas no movimento estudantil, como a esquerda cristã disputava com os marxistas a hegemonia. O golpe colocou praticamente todo mundo contra o governo. Então, durante a resistência inicial, não havia um choque tão grande dentro das correntes do movimento estudantil, até pela autodefesa de todos contra o golpe. Pela AP, eu não tinha nenhuma simpatia.

JUAREZ GUIMARÃES: Por que não?

RAUL PONT: Com as pessoas que eu comecei a conhecer na universidade, na maneira de debater, na argumentação, fui me identificando mais com o pessoal que era próximo ao Partido Comunista. A gente imaginava que era, pois eu não estava militando ainda. A gente ia identificando, quer dizer, vendo as diferenças de análise e propostas. Tinha um grupo do PCdoB na universidade, pequeno, mas já conhecido e, já naquela época, se assumindo como maoista. Tinha um ou outro trotskista, que dava para reconhecer como um pequeno grupo.

FLAVIO KOUTZII: Não só pela quantidade, mas pelas percepções...

RAUL PONT: A Madga Zanoni, o Sílvio Nogueira, o Jorginho da Geologia e o Vito Letizia, que era o principal líder do grupo. Mais tarde, essa corrente vai dar origem à Libelu, corrente Liberdade e Luta, no Rio Grande do Sul.

JUAREZ GUIMARÃES: Então, não foi uma diferença política, entre a linha da AP e a linha do PC, que o levou a fazer uma opção, mas foi mais pelo fato de o PCB liderar a representação estudantil, onde você estava inserido?

RAUL PONT: Mas o peso da AP era forte, porque a chapa do Centro Acadêmico era uma frente, a de 1965 também foi

ENTREVISTA
RAUL PONT

uma frente contra o inimigo comum, mas já havia diferenciações. É esta visão, num primeiro momento, está muito diluída, em um sentido de enfrentar a ditadura e ser contra esse governo e contra o que o governo estava fazendo na universidade, que era cassar professores e reprimir. A UNE foi proscrita, colocada na ilegalidade. A tentativa de transformar, de criar um movimento pelego com o DNE (Diretório Nacional de Estudantes) e os Diretórios Estaduais, que ainda eram eleitos pelos estudantes, foi frustrada. Nós tivemos um debate, uma primeira discussão, sobre participar ou não da estrutura imposta logo em seguida pelo regime militar. Como eram eleitos, por eleição direta, não dava para negar a eleição, tinha que disputar os Diretórios Estaduais que sucediam as UEEs. Nós participamos, chegamos a participar da eleição e perdemos a primeira eleição, inclusive, pelo voto do interior, pela PUC, a maioria dos estudantes votou em uma chapa que era favorável ao golpe. E a direita no movimento estudantil aqui era chamada “Grupo Decisão”, a partir da Economia e da Engenharia. Era um grupo de direita, definido, claro, ideológico, bem organizado, que disputava eleição conosco e até nos ganhou algumas vezes. Mas a gente começou a retomar as entidades, e é evidente que esse foi um processo paralelo também de melhor reconhecimento de quem é quem dentro da esquerda.

JUAREZ GUIMARÃES: Quer dizer, havia uma linha frentista, havia uma linha, apesar do golpe, que visava ocupar os espaços ainda institucionais, existentes, legais?

RAUL PONT: É, já com alguma divergência, aqui no RS, pois em Estados como SP e RJ as UEEs mantiveram-se e, que eu me lembre, nem houve tentativa de organizar DEEs. As UEEs sobreviveram mesmo ilegais. A eleição estadual, no ano seguinte, a gente perdeu. A primeira retomada do DCE-UFRGS foi com o Carlos Alberto Vieira, em 1966.

FLAVIO KOUTZII: Na eleição de 1965 para o DCE era eu e perdi, contra o Adalberto Tasch, também do Grupo Decisão.

JUAREZ GUIMARÃES: Quando você presidiu o DCE?

RAUL PONT: Com a vitória do Vieira e com a repressão aumentando, em 1967, saiu o Decreto 228, que liquidou com eleições também nas UEEs e DEs, porque o DEE no RS chegou a se organizar. Tinha sede ali na rua Senhor dos Passos. Quando o DEE também foi fechado pelo Decreto 228, o Grupo Decisão o transformou em uma entidade cultural, durou algum tempo e foi desaparecendo. A gente voltou a reorganizar a UEE, agora na ilegalidade. E, no caso da UFRGS, em 1967 se decidiu por forçar a organização democrática, ou seja, fazer a defesa da democracia, já que o DCE também teria que ser por eleição indireta e a reitoria manipulava novos centros acadêmicos para fazer maioria. Então, diante disso, a gente denunciou o golpe e criou o DCE Livre. Eu fui presidente do DCE Livre de 1968 a 1969. Mas aí eu já estava na Economia.

JUAREZ GUIMARÃES: E aí você já era um militante do PC?

RAUL PONT: Não, não, aí eu já era militante do POC. Passei pelo PC em 1965 e 1966. Em 1967, iniciamos a Dissidência Leninista e, em 1968, com a fusão com a POLOP, organizamos o POC.

JUAREZ GUIMARÃES: Voltando, então, um pouco atrás. Você passou de um sentimento difuso de esquerda a uma fase acelerada de tomada de consciência das coisas, depois para o engajamento, a partir da universidade, mais até do que na greve dos bancários. Ali foi o centro do engajamento, e a decisão de entrar no PC. Como foi essa decisão, o que ela significou? Porque aí já era entrar para um partido clandestino, comunista, era uma decisão que teria repercussões definitivas em sua vida.

Raul Pont: A Faculdade de Filosofia era muito grande, englobava vários cursos, tudo estava ali na Filosofia: Física, Química, Matemática, História, Letras, Geografia, Sociologia, Jornalismo, tudo estava dentro da antiga Faculdade de Filosofia.

ENTREVISTA
RAUL PONT

Então, ali era um centro político mesmo, não só pelo conteúdo dos cursos, mas por ser uma das maiores unidades. Era uma referência muito forte, pela Filosofia, pela Sociologia. E nós, quando o Centro Acadêmico começou a se reorganizar, retomamos o Centro Acadêmico. A partir de 1965, começou a ser retomada a reorganização da UNE. Reorganizar o movimento para enfrentar a ditadura, que, em um primeiro momento, parecia que ia ser momentânea, que ia ser de tiro curto. Então, já começou a ter diferenças na hora de pensar como enfrentá-la. Havia correntes, digamos, que se expressavam na UNE, principalmente a AP através da proposta que depois vai ser aprovada como tese na UNE, que era o Movimento Contra a Ditadura. Mas já começava a aparecer uma diferença: que ditadura é essa? Como é que ocorreu o golpe? Por que foi sem resistência? Eu não tinha acesso a todas as discussões, mas discutia com as pessoas no cafezinho, no intervalo das aulas, na hora do almoço no restaurante universitário, na reunião do Centro Acadêmico. Mas, afinal, como é que esse golpe foi dado? Como é que foi tão fácil? E as tropas do Jango, e o aparato militar do presidente, e as forças nacionalistas? O primeiro a levar crítica foi o Nelson Werneck Sodré, porque ele tinha feito aquele livro *Quem é o povo no Brasil?*. No livro do Sodré, todo mundo era o povo e todo mundo estava com o governo. Estavam ali os trabalhadores, as donas de casa, os estudantes, os pequenos agricultores, os oficiais nacionalistas, a burguesia progressista. Bom, mas se todos estão do lado de cá, como é que foi possível o golpe? A crítica não era só ao Sodré, mas começava a se estender a uma explicação que era comum na esquerda. Então, esse debate não se resumia a um pequeno manual porque esse período era de uma acirrada disputa ideológica. Em 1963/64, a direita fazia essa disputa com o apoio dos EUA. As publicações do IBAD e do IPES circulavam diretamente e eram reproduzidas nos meios de comunicação. As duas instituições, principalmente o IBAD, enchiam os centros acadêmicos, os corredores da universidade, com propaganda

dos Estados Unidos, propaganda das maravilhas do novo governo, do risco de que o país com Goulart ia cair nas garras do comunismo. Então, o debate não era acelerado só pela luta contra o regime. Não, a direita também estava procurando fazer essa disputa programática, ideológica, na sociedade, e isso despertava um debate muito forte, muito grande. Na época, o Centro Acadêmico tinha uma vida cultural muito maior do que tem hoje. Na Filosofia, tinha grupo que discutia cinema, tinha grupo que estava preocupado com o teatro, que buscava construir uma nova leitura da história brasileira.

JUAREZ GUIMARÃES: E o PCB tinha uma grande inserção na rede nacional-popular da cultura...

RAUL PONT: É, tinha o CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE, quer dizer, tinha um conjunto de atividades permanentes que criavam um clima, um ambiente cultural forte. E nesse processo é que a gente começou a fazer uma disputa com a direita, mas, ao mesmo tempo, começamos a ver que tinha algo mais. E, na conversa com os companheiros do Partidão, viu-se que também havia uma insatisfação muito grande. Começava uma luta interna dentro do PC sobre a interpretação do golpe. Para o comitê central, estava tudo de acordo com o previsto, mais uma vez. A culpa era de algum arroubo pequeno-burguês que cutucou a onça com a vara curta, de alguns radicais que saíram da linha, mas logo, logo voltaríamos à trilha e manteríamos a política, as alianças, e blá-blá-blá. As minhas primeiras discussões teóricas eram para tentar entender: afinal, que golpe era esse?

JUAREZ GUIMARÃES: Quer dizer, não houve um momento, então, de identidade pecebista do jovem Raul, no seguinte sentido: "eu entro para o PCB porque me orgulho do PCB, aqui é o meu partido"; e, depois, veio a crise, veio o questionamento. Foi um momento só, quer dizer, eu já entro nesse caldeirão crítico que havia.

ENTREVISTA
RAUL PONT

RAUL PONT: Não houve dois momentos por causa da conjuntura crítica que a gente vivia. Primeiro porque, para quem vinha de fora, não tinha a sede, a bandeira, o estatuto, o sujeito lá para receber...

JUAREZ GUIMARÃES: Não houve esse momento iniciático?

RAUL PONT: Não, porque a clandestinidade, a ditadura, colocava todos nós numa situação muito difícil. A relação era muito mais uma relação de suposição. Sentava com pessoas que eu sabia que, em princípio, eram, mas não tinha absoluta certeza, nem ia sair dizendo “olha, aquele ali é, não é, eu estou reunindo”, não. A gente sabia que estava em um momento particular, singular, e o que nos unificou foi a luta para retomar o Centro Acadêmico, a luta para brigar no conjunto da universidade, enfrentar o Decreto 228. Quando se formou a chapa de sucessão lá em 1965, e o André Foster ganhou a eleição, a formação da chapa já foi muito mais dura, porque já se expressava de forma mais clara, ao menos para mim, que não havia um consenso, uma unidade, que todo mundo não era da mesma turma, não. Ali já se renunciava que as posições da AP e das correntes marxistas não eram as mesmas e que uma releitura da formação social brasileira iria acentuar as diferenças. Foi nessa época que comecei a participar de reuniões mais orgânicas.

JUAREZ GUIMARÃES: Quantas pessoas eram, só para termos uma ideia?

RAUL PONT: Era anticlandestinidade, porque na célula da Filosofia nós chegamos a fazer reunião com trinta pessoas. Nem imaginávamos o que estava por vir. Em 1966, eu fiz outro vestibular, entrei na Economia, e lá era mais organizado. O Centro Acadêmico era bem mais organizado, mexia com recursos, imprimia material didático, vendia livros e apostilas. O João Verle estava saindo, estava terminando o curso, acabou indo para o Chile para uma pós-graduação. O Roberto Ramos era o presidente do Centro Acadêmico...

JUAREZ GUIMARÃES: Que era também dirigido pelo PC?

RAUL PONT: Era, mas também tinha participação da AP. O núcleo do PC ali era menor, mas era mais consolidado, e foi quando, também, se começou o debate das teses críticas à linha oficial do Comitê Central do PCB. Eu lembro quando nós começamos, em 1966, a discutir e aprovar no movimento estudantil, nas células estudantis do Partidão, as teses revolucionárias junto com a POLOP. Eu lembro bem dessa reunião, que foi lá na Economia, estava o Marco Aurélio, o Flavio Koutzii, o Timm, o Pilla Vares.

JUAREZ GUIMARÃES: Marco Aurélio Garcia?

RAUL PONT: É.

JUAREZ GUIMARÃES: Já como quadro, militante da POLOP, o Marco Aurélio?

RAUL PONT: Não, não. Era daqui, da nossa Dissidência do PC no Rio Grande, ele e a Beth Lobo.

JUAREZ GUIMARÃES: Da Dissidência Leninista do Partidão do Rio Grande do Sul, que se vincula à POLOP nacionalmente, era isso, não é?

RAUL PONT: É. A gente, em 1966, lá na Economia, mas também no resto da UFRGS, porque tinha um grupo na Medicina, tinha um grupo na Arquitetura, na Agronomia, na Filosofia, no Direito, enfim, na universidade. Quando a gente rompeu a Dissidência aqui...

JUAREZ GUIMARÃES: Assim, vocês passam a constituir a Dissidência já como aceleração desse processo de diferenciação em relação à realidade brasileira, à caracterização do período e às tarefas, e mais, começam a incorporar o tema do socialismo aí?

RAUL PONT: Ao menos na leitura que eu faço, nós começamos esse questionamento das explicações ou da discussão que vinha da direção como muito insuficiente. E isso passou a

ENTREVISTA
RAUL PONT

gerar o debate que estava influenciado também por um conjunto de coisas que a gente não comentou aqui, afinal estávamos a seis anos da Revolução Cubana. Estávamos em um momento em que, na América Latina, a influência da Revolução Cubana era enorme. Douglas Bravo, na Venezuela, já estava começando outra guerrilha. Algumas ideias do que tinha acontecido em Cuba para nós em um primeiro momento eram muito simplistas. A tradução primária da Revolução Cubana era essa, um grupo de guerrilheiros vai para Sierra Maestra, resiste, forma um foco, começa a crescer e toma o poder. Ora, o que isso tem a ver com a América Latina? É claro que isso teve uma influência muito grande, e também o anti-imperialismo. Teve uma força muito grande nesse momento, porque era o responsável pelo golpe, era a força que a gente identificava, além do apoio interno da UDN, da direita, das Forças Armadas, o golpe era uma ação do imperialismo. Isso estava incluído em tudo o que era manifestação e agitação que se fazia contra o golpe. Mas, no processo de organização das ideias, do que efetivamente tinha acontecido, esse debate começou a se impor. Quem deu o golpe? Quem estava contra e quem estava a favor? Isso não batia com as teses da direção do PCB. Não batia com a ideia do caminho pacífico, com a ideia de que havia um setor importante da burguesia aliada. Onde que ela está? Por que não reagiu? O que houve?

JUAREZ GUIMARÃES: Você está falando desse debate pós-golpe, o debate como interpretação do golpe. Especialmente em 1963, o golpe era um tema que estava presente no debate?

RAUL PONT: Desde o acordo feito em 1961 para o retorno do Jango, parecia que aquilo tinha certa estabilidade. Eu não tinha elementos, em 1964, não estava tão preocupado ou informado, porque eu estava de manhã na faculdade, de tarde trabalhava seis horas, no mínimo, por dia, e ainda três noites por semana eu jogava basquete no Cruzeiro, então, o tempo que sobrava para pensar e militar não era grande. Isso se acirra

mesmo no início de 1964. Não conhecia, por exemplo, que dentro da esquerda já existia um grupo como a POLOP que estava formulando uma estratégia diferente. No movimento estudantil, começamos a saber que tinha um grupo que chamava POLOP, que era uma corrente pequena, com pouca gente, mas com uma formulação diferente na esquerda brasileira. Na retomada da organização da UNE, a partir de 1964, esse debate cresceu enormemente, porque era fogo em palha no meio estudantil. No meio acadêmico, a discussão teórica se radicalizava rapidamente. O PCdoB não era nenhum atrativo, porque tinha uma formulação teórica e programática que se distinguia do PCB por, digamos, uma pretensa radicalidade. Mas a política de alianças, a visão das classes sociais, a questão da formação social brasileira com as suas características feudais etc. e tal, não diferenciava muito, a visão era muito parecida. Então, quando a gente começou esse debate, foi muito forte a leitura da turma que fazia a crítica ao populismo. Os estudos de Ianni, Weffort, Gunder Frank e Chico de Oliveira sobre o subdesenvolvimento e o populismo tiveram uma influência enorme na formulação da esquerda crítica. E, internamente, a POLOP fazendo uma formulação sobre a caracterização do Estado brasileiro é que a gente começou a descobrir e acompanhar o debate dentro da universidade. Esse foi o início da contestação das teses clássicas do Partidão. Elas vinham referenciadas, também, por outras forças, por outras figuras, ou autores que a gente começava a ler e entender e começava a juntar as coisas. Mas a Revolução Cubana e essa questão crítica foram decisivas para que, na preparação do VI Congresso do PCB, nós apresentássemos as “Teses Revolucionárias” construídas com apoio da POLOP. O Flavio pode falar melhor que eu, pois ele seria delegado no VI Congresso.

JUAREZ GUIMARÃES: O Flavio foi delegado no congresso, chegou a ser?

FLAVIO KOUTZII: No congresso nacional, não.

ENTREVISTA
RAUL PONT

RAUL PONT: A gente já foi boicotado, fomos expulsos ou não chegamos no congresso.

JUAREZ GUIMARÃES: Vocês foram expulsos, quer dizer...

FLAVIO KOUTZII: Nós tivemos o apoio de uma parte importante da direção estadual do PC do Rio Grande do Sul.

JUAREZ GUIMARÃES: Vocês já tinham opção de cisão ou foram expulsos?

FLAVIO KOUTZII: Não estava dado no início o desdobramento inicial do debate, quer dizer, teve uma coisa atípica. O setor que nós agrupamos, seja de origem universitária, seja de origem secundarista, que desenvolveu a projeção desse debate – que se dava, aliás, nacionalmente, em quase todas as áreas de universitários e que vai dar depois lugar a vários grupos –, ao desenvolver-se aqui, tinha um equilíbrio de forças um pouco surpreendente. Assim, na direção estadual, havia cinco dirigentes. Acho que eu e o Fabinho (Fábio Marenco) éramos os dois que representavam a nossa posição dissidente. Então, os conteúdos da discussão inicial com alguns quadros históricos também, como o Elói Martins, que eram figuras históricas de grande representação aqui, elas rapidamente curto-circuitaram a possibilidade, e o Partidão, na sua direção, decidiu que assim não dava mais. Então, há uma decisão de nos marginalizar. Portanto, o que nós planejamos era expressar essa discussão, mas ela acaba provocando um nível de intolerância do lado de lá que dá nisso.

RAUL PONT: É, ali se evidenciou a ausência de democracia interna no PCB.

JUAREZ GUIMARÃES: Acho que é importante a gente se deter nesse ponto por várias razões. Porque me parece que ali está se formando o princípio de um novo caminho. Vocês estavam fazendo um trabalho crítico, corrosivo de uma tradição stalinista no Brasil, com todos os seus desdobramentos, e estavam ini-

ciando outro caminho no meio daquilo que nós estamos chamando de labirinto, que era a situação dos grupos de esquerda e da cisão. E esse fato de ter sido expulso de um partido por querer uma discussão sobre os fundamentos da sua política me parece ter sido um fato muito marcante na formação da militância de vocês e na luta pela democracia no partido que sempre marcou a militância de vocês.

RAUL PONT: Com o fim dos partidos políticos no ano seguinte, em 1965, com o AI nº 2, eu já estava reunindo lá na Economia. Lembro que veio a orientação de que, *bueno*, sofreremos novo golpe e a ditadura nos impôs o bipartidarismo, mas tudo bem, retomamos o curso da normalidade, agora é votar no MDB. Vamos botar candidatos por meio do MDB etc., e veio a orientação da direção estadual para votar no radicalista Lauro Hagemann, que fazia o Repórter Esso na Rádio Guaíba. Aí dissemos: “O que é isso? Não, não vamos votar coisa nenhuma. No MDB? Quem é que decidiu? Que política é essa, nós vamos lançar candidatos por dentro do MDB? Quem é o candidato?” Todo mundo sabia que ele era o Repórter Esso, mas não se era ou não do PC, se era militante ou não, porque também a clandestinidade torna tudo muito difícil, não aceitávamos a política. Então, algumas coisas desse tipo radicalizavam o debate. E a ideia de que isso estava sendo simultâneo ao lançamento de uma produção teórica importante no país, que era o livro do Caio Prado Jr., *A revolução brasileira*, sobre a reinterpretação de algumas teses básicas do PCB.

FLAVIO KOUTZII: Mas o livro básico do partidão era do Alberto Passos Guimarães.

RAUL PONT: Então, toda a esquerda andava com livros como esse e outros embaixo do braço. Era uma discussão, quer dizer, houve um processo de profunda revisão com uma visão meramente “seguidista” de um Comitê Central. As pessoas queriam fazer alguma coisa que fosse mais consciente, ao menos essa foi a minha experiência. E a gente se dedicava para

ENTREVISTA
RAUL PONT

ler, para estudar, para ter argumento, e usava isso na sala de aula também. Nós levávamos esse debate para a sala de aula. Em 1966, já se estabeleceu um canal, uma relação com a POLOP. Veio para cá um companheiro, o Peri, um baiano. Veio para acompanhar o debate, acompanhar a discussão, reunia conosco. Já estávamos em Dissidência. Passou a existir uma coordenação da Dissidência e adotamos o nome de Dissidência Leninista.

MARCO PESTANA: A POLOP é de onde mesmo? Do Rio de Janeiro, não é? Surgiu em 1962?

RAUL PONT: Ela nasce de algumas lideranças da esquerda socialista em São Paulo. Os irmãos Sader, o Ernesto Martins, como era conhecido o Eric Sachs, e outros, em SP, em 1961 ou 1962. O Ernesto Martins era um europeu exilado, que tinha militado no POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) espanhol, na época da Guerra Civil, e vivia no Brasil como tradutor e editor. Era um dos principais dirigentes da POLOP. Antiestalinista, mas também antitrotskista. Sua formação era da Oposição de Esquerda contra Stalin nos anos 1930. As brigas do POUM com os trotskistas na Guerra Civil espanhola deixaram marcas profundas na esquerda. A POLOP já tinha uma formulação sobre a etapa da revolução brasileira, sobre o caráter do Estado e da formação social brasileira ser capitalista. Não haveria aqui uma etapa antifeudal, burguesa; era o grande debate teórico que estava instalado dentro da esquerda, então, para tentar entender o golpe e poder enfrentá-lo.

JUAREZ GUIMARÃES: A própria POLOP, no período, vai passar por um processo, também, de cisão...

RAUL PONT: Sim...

FLAVIO KOUTZII: Então, a âncora que seria o partido também está sofrendo um processo de cisão em Minas Gerais. Daí nasceu o Comando de Libertação Nacional (COLINA), que optou pela luta armada.

JUAREZ GUIMARÃES: Queria entender melhor as características do POC. A revolução, para o POC, era de caráter socialista. Não aderi à luta armada enquanto forma de luta fundamental e tinha sofrido o trauma de um partido que não aceitava uma discussão interna, que tomava decisões de cima para baixo. Quais vão ser, então, essas características identitárias do POC, mesmo sabendo que ele não teve a possibilidade de se desenvolver, não teve tempo? O que o singularizava enquanto formação política em relação a outras experiências como a COLINA em Minas (Gerais), como a ALN em São Paulo, como o MR8 no Rio?

RAUL PONT: A nossa ideia era abrir um processo de aproximação com as dissidências dos outros Estados. Era a grande possibilidade que estava colocada naquele momento. Era aproveitar as cisões que ocorriam no país para pensarmos um projeto muito maior e nacional. Um trabalho que, depois, vai se repetir – embora não tenha sido a mesma coisa – nos anos 1970 com a revista *Brasil Socialista*, que foi uma nova tentativa de unificação de algumas correntes revolucionárias. Nós nos encontrávamos principalmente via movimento estudantil. A UNE era o grande e principal canal. Havia um processo de dissidência no PCB que era flagrante, e o movimento estudantil era o canal para a gente poder entender e fazer esse debate. Era tudo muito difícil pela clandestinidade. Os meios de comunicação completamente diferentes de hoje, tudo muito difícil. Então, esse contato fluiu, mas eu lembro que o principal canal da aproximação com a POLOP eram os congressos da UNE. O congresso de 1967, por exemplo. Todo mundo fechado dentro de um mosteiro, perto de Campinas. Para a surpresa geral do congresso, com a unidade das dissidências, mais POLOP, mais Ala Vermelha, ganhamos da AP, que era favorita. Em 1966, eu não acompanhei bem, não sei se teve alguma relação orgânica de direção, com a direção da POLOP, porque eu não era. Mas, em 1967, no movimento estudantil, por exemplo, isso já fluía e o nosso candidato de unidade foi o Daniel.

ENTREVISTA
RAUL PONT

JUAREZ GUIMARÃES: Daniel Araújo Reis?

RAUL PONT: Sim, o Daniel foi o nosso candidato. Fizemos maioria na diretoria da UNE. E não se ganhou a presidência porque, na última hora, a Ala Vermelha roeu a corda. Eles disseram que tinham ficado com menos do que mereciam na direção. A Dissidência nossa, a turma que já estava se chamando de MR8 no Rio e a POLOP fizemos maioria, a AP aceitou que nós tivéssemos maioria na direção da UNE. E fomos disputar a cabeça de chapa no plenário. E se perdeu, porque a diferença era pequena. A Ala Vermelha se absteve e o Luis Travassos, da AP, ganhou a votação para presidente da UNE. Então, o POC nasceu disso, nasceu de uma aproximação muito teórica, programática, um pouco doutrinária da POLOP, e nós aqui, do RS. Como vínhamos do Partidão, tínhamos alguns defeitos, mas tínhamos também algumas virtudes, porque a gente tinha o que eles não tinham, que era uma capacidade de estar nos centros acadêmicos, de estar no movimento de massas, de ter dirigentes eleitos e ter base social de apoio. A POLOP tinha bons quadros dirigentes, um programa, mas era uma organização muito doutrinária.

JUAREZ GUIMARÃES: Valeria a pena a gente refletir mais sobre essas identidades políticas do POC que não puderam se expressar em função da sua vida muito curta e da repressão que sobre ele caiu, mas me parece que uma das identidades fundamentais é essa identidade socialista, uma visão da formação social brasileira e uma identidade classista socialista, que combinava, então, a crítica à estratégia da revolução democrático-burguesa do PCB e, ao mesmo tempo, a crítica à tradição getulista, que vinha do Caio Prado Jr. Quer dizer, na obra do Caio Prado Jr. você tem o encontro dessas duas críticas formuladas. Creio até que, ao se pensar as origens históricas do PT, em termos de formação cultural, esse momento do Caio Prado Jr. é um momento muito decisivo de formação de tradição. Quer dizer, havia uma tradição de esquerda, povo, nação, e outra

tradição que começa a se formar ali, que é de esquerda, classe, socialismo, que vai dar lá na frente no PT. Eu sempre gosto de lembrar que o PT é um dos poucos partidos brasileiros que não tem um “Brasil” no nome. A questão nacional ficou, naquele momento, um pouco lateral, ou subordinada, à dimensão da afirmação classista e socialista.

RAUL PONT: O POC, em 1968, vai ser muito marcado também pelos acontecimentos externos. O maio francês teve muita influência na nossa formação. Teve muita força, pelo lado da rebeldia, pelo antiestalinismo, pela absorção de agendas novas, existenciais, os problemas do feminismo, que antes não estavam no foco da política. A política oficial era a disputa do parlamento, dos Executivos. O Maio de 1968 não era só francês. O movimento percorreu a Europa, veio para a América Latina. Foi uma revolução comportamental, despertou utopias, ampliou nosso internacionalismo. Mas não conseguimos traduzir isso para a luta contra uma ditadura. Incorporamos bandeiras e lutas da juventude e o que ocorria na Alemanha, na França e na Itália. Mas, vendo hoje, autocriticamente, o POC não conseguia romper com o doutrinário que veio com a POLOP. No dia 13 de dezembro de 1968, dia do AI-5, fizemos panfletagens e pichações com as palavras de ordem “Viva o Socialismo” e “Trabalhadores no Poder”. Estávamos nos isolando e não conseguindo incorporar a questão democrática na luta pelo socialismo.

FLAVIO KOUTZII: Eu acho essa relação um pouco forçada, a questão, enfim, da tradição getulista, porque são alguns fatores um pouco particulares, assim, e tem a ver também com isso que o Raul está dizendo que é o seguinte. Por exemplo, um companheiro que foi muito importante nesse período de consolidação do POC, e até mesmo pela enorme simpatia que tinha pela POLOP e tudo o mais, é o Luiz Paulo Pilla Vares, que era um Rosa Luxemburgo ortodoxo, apaixonado. Culturalmente falando, ele era um cara que conhecia muito as coisas, lia, tinha uma cultura de esquerda extremamente

ENTREVISTA
RAUL PONT

sólida. Então, como ele pesa na nossa formação, e pesa também pelo menos em uma sinalização positiva da aproximação de curso entre a Dissidência e a POLOP, esses traços eu acho que influenciaram mais. Então, o tema antiburocrático, vide Rosa, Trotski e tal, o tema, de uma perspectiva socialista menos mediada por certos tipos de táticas que ainda não eram nem muito claras, nem tínhamos experiência, elas, na minha opinião, cimentam um pouco o nosso DNA. Em segundo lugar, a vinda do Marco Aurélio, que estava com a Elizabete Lobo, tinha tido bolsas naquele ano, e volta, enfim, com a cultura que se estabelece na Europa e na França, no final de 1967, início de 1968, é também um aporte decisivo, assim, porque obviamente era um dos companheiros que tinha uma incidência muito importante. Então, estou recordando dois personagens que, politicamente, culturalmente falando, conceitualmente e tal, tiveram...

JUAREZ GUIMARÃES: Uma forte incidência na formação da identidade do POC.

FLAVIO KOUTZII: Exatamente. O Marco Aurélio tinha flertado um pouco com o pessoal da Quarta Internacional, não chegou a ser orgânico, bem como o que emergia naquele momento na cultura política em disputa, isso contra o maoísmo, na esquerda francesa. Isso foi muito mais importante do que outros elementos da tradição do Rio Grande do Sul, pelo menos naquele período, que é um período em que nós consolidamos a nossa existência e reforçamos as nossas afinidades com a POLOP. Porque, mesmo que houvesse essas nuances na posição do Ernesto Martins, as convergências eram muito maiores, eram posições muito mais abertas...

RAUL PONT: Sim, as questões mais estratégicas eram muito afinadas. A questão que a gente tinha, com que a POLOP tinha dificuldade, nós também, a nossa origem até dificultava mais ainda, de fazer a superação disso, porque a tradição do PCB sobre a questão democrática era muito utilitarista.

Afinal, na tradição stalinista isso seria resolvido pela “ditadura do proletariado”.

ENTREVISTA

RAUL PONT

JUAREZ GUIMARÃES: Seria correto dizer, nesse sentido, desse exemplo que você citou, depois complementado pelo Flavio, que a questão democrática ainda não havia aflorado na sua centralidade, na consciência e na inteligência do POC?

RAUL PONT: Sim, sim. Esse tema, naquele momento, estava secundarizado. O nosso problema era muito mais ter uma definição estratégica, uma compreensão da formação social brasileira mais convincente e mais sólida para incorporar a ideia-chave, do caráter socialista da revolução. Naquele momento, a leitura e a discussão com a POLOP já nos permitiam estabelecer uma estratégia que exigiria um desdobramento distinto de votar no MDB, de vir lançar candidato por dentro do MDB. Então, num primeiro momento, é como o PT. Por exemplo, quando nasceu o PT, tinha uma torcida de bastão, “trabalhador vota em trabalhador”, que é, também, uma visão meio doutrinária, propagandista, mas que, para reafirmar o nascimento, para reforçar, para dobrar o bastão, para que ele depois se equilibre; naquele momento, também, isso acontecia. Porque nós queríamos fazer uma crítica à visão stalinista e a alternativa que tinha era o maoísmo. Então, não funciona. E Cuba era algo insuficiente, porque nós éramos favoráveis, estávamos de acordo com a criação de um, dois, três Vietnãs, mas isso estava mais distante ainda da realidade concreta de 1968 e da ditadura militar.

JUAREZ GUIMARÃES: O interessante é que essa subestimação da questão democrática estava na tradição da POLOP, pelo doutrinário da POLOP, e estava também em *A revolução brasileira* do Caio Prado Jr. Se você reler o livro hoje, lá está dito até que o golpe de 1964 de certa maneira foi positivo porque destruiu o sistema de alianças que prendia o movimento operário às teias da estrutura do Estado brasileiro. E ele não tem uma

ENTREVISTA
RAUL PONT

ideia, naquele livro de 1966, de que a ditadura vinha para ficar. Ele não tinha ainda uma ideia do tamanho da derrota. Esse livro foi muito importante como um momento corrosivo da tradição pecebista, mas trazia uma consciência muito inadequada sobre a questão democrática. Volto a falar do labirinto. Parece que um grande ponto do POC é, então, fazer uma crítica dessa leitura errada da formação brasileira. É um momento, então, de apontar para o classismo, para uma refundação política da representação da classe trabalhadora. Há essa questão que eu acho também muito importante, que você falou, Raul, que a experiência de vocês no movimento estudantil, de trabalho de massas em condições muito adversas, seja trabalhando por dentro de uma entidade estudantil até quando foi possível, seja fundando outra, mas tentando criar raízes no movimento, de certa maneira, não imunizava, mas tornava vocês menos aderentes a uma solução puramente doutrinária, autoproclamatória, fechada, ou que projetasse uma coisa sectária, que vai ser sempre um dos grandes traços da sua militância. Um fundador de uma tradição de esquerda, mas não isolada, não sectária. Isso que você falou, então, que é preciso conjugar essas conquistas de posições de esquerda com o trabalho de massa, me parece que era consciência, então, do POC, ou pelo menos uma ideia, força.

RAUL PONT: Eu acho que a grande debilidade nossa, naquele período, foi exatamente não compreender e secundarizar a questão democrática. E isso nos desarmou muito, porque nos dificultava estabelecer uma relação maior de resistência massiva, ou até de retomada de ofensiva contra a ditadura. Mas um negócio que eu acho que teve certo peso entre nós, não sei se muito influenciado por essa questão dos contatos com o que estava acontecendo na Europa, a crise que a esquerda vivia na Europa também. O compromisso com a União Soviética, a visão stalinista desarmou a esquerda para apresentar uma saída mais democrática do que o liberalismo. O estado de bem-estar social foi o limite. Nessa conjuntura, no Brasil,

o propagandismo nos ajudou a estabelecer uma luta ideológica, estabelecer um confronto de ideias e valores, uma luta ideológica em espaços privilegiados para isso, como é o caso da universidade, que nos distinguia do resto da esquerda, principalmente da AP ou do reformismo.

JUAREZ GUIMARÃES: Essa experiência da “Universidade Crítica” do Flavio...

FLAVIO KOUTZII: “Universidade Crítica”, da qual o Raul foi o “reitor”.

JUAREZ GUIMARÃES: Por que o reitor?

FLAVIO KOUTZII: Se dizia, por estar no DCE e ser dirigente do Movimento Universidade Crítica (MUC).

RAUL PONT: Pela função do DCE e pelo trabalho que a gente fazia, pela dificuldade de um trabalho de massa devido à repressão, não dava para continuar só fazendo passeata e enfrentando a polícia. Aí tínhamos divergências com a AP e a Libelu, que defendiam manter as manifestações. Ou fazemos ações mais organizadas de panfletagem e comícios-relâmpago, para não sermos presos, para não apanhar, ou seremos cada vez menos nas ruas. E outro raciocínio: onde é que os caras não podem nos reprimir nesse período duríssimo de 1969, 1970? Não podem nos reprimir dentro da sala de aula, porque somos estudantes. A repressão dentro da sala de aula vai ficar muito mais difícil, então fazer uma disputa teórica e ideológica com professores da direita envolvia a turma e criava uma politização.

JUAREZ GUIMARÃES: Vocês chegaram a ter alguma publicação nessa época?

RAUL PONT: Tínhamos um caderno de debates, que chamava *Texto*, uma coisa assim. No tempo em que eu estava no DCE-Livre, reproduzia coisas que vinham da Itália, da França, sobre o movimento estudantil na Europa, sobre o enfrentamento da questão do feminismo, do autoritarismo.

ENTREVISTA
RAUL PONT

Então, a gente conseguiu, travando uma luta ideológica na História, na Sociologia, na Economia, politizar a sala de aula. Tem um exemplo concreto que nós vivemos. O professor vem nos dar aula de Teoria do Desenvolvimento, na Faculdade de Ciências Econômicas, com o livro-texto do Rostow, *Um manifesto não comunista*. Uma obra primária linear, de que bastava industrializar, aí o trem andava, aí dava a decolagem, e vamos lá, chegaríamos ao desenvolvimento. A gente disse: olha, isso não tem absolutamente nada a ver com o Brasil, com a América Latina, com a vida. Então, vamos fazer essa disputa. E nós nos preparávamos, no Centro Acadêmico, estudávamos o subdesenvolvimento, a teoria da dependência, o imperialismo para fazer a disputa teórica, ideológica, na sala de aula. Resultou que o professor desistiu da cadeira. O professor devolveu para o catedrático (naquele tempo tinha catedrático), que terminou o semestre. Bom, e com isso a gente ganhou boa parte da aula, porque as pessoas viram que o livro do Rostow não explicava o Brasil, não explicava o subdesenvolvimento, não explicava a América Latina. Olha, então esse negócio nos dava uma certa moral, um certo respeito. A visão predominante era de que cara de esquerda não vai na aula, cara de esquerda só está fora de aula, agitando, é subversivo. Não, nós íamos para dentro da sala de aula para fazer a disputa teórica, ideológica, que era difícil, exigente, mas formadora. Aí que nasceu a Universidade Crítica, a ideia de ganhar o movimento estudantil, que estava na linha só do Movimento Contra a Ditadura (MCD), da AP. Vamos contra a ditadura, mas também vamos fazer as pessoas raciocinar, pensar, se incorporar à nossa luta por outro viés. Os acordos MEC-USAID e a reforma tecnocrática e empresarial que a ditadura impôs nessa época nos ajudaram a fazer a disputa sobre a universidade. A visão imperialista da universidade com esses acordos criou fissuras no corpo docente, e a nova onda de cassações e expurgos voltou a acontecer. Isso abria um front no interior da universidade para essa disputa ideológica da instituição.

JEFERSON MIOLA: Acompanhando essa narrativa, fica evidenciado que a geração de vocês é fundadora de uma nova tradição socialista brasileira, de uma nova cultura de esquerda, de um novo movimento socialista revolucionário no Brasil. Devemos evitar o épico, mas é essencial reconhecer como foi transcendente a experiência de vocês. Um trabalho que se desenrolou num contexto de relativa orfandade teórica e intelectual, e que exigiu um esforço inédito de interpretação da realidade brasileira e de formulação programática. Vista em perspectiva, essa experiência de vocês, originalíssima, se comprovou historicamente correta – a resultante desse esforço foi a construção do PT, em 1980, que nasceu impregnado pelas noções antiburocráticas, antiestalinistas, de independência de classe, socialista e internacionalista. Como e quando se deu o contato de vocês com o internacionalismo, com a crítica ao stalinismo, ao burocratismo?

RAUL PONT: É, eu acho que uma das grandes questões que nós absorvemos na formação do POC, que vinha da POLOP, era essa, de compreender o Brasil como uma formação social atrasada, subdesenvolvida, mas capitalista. E, portanto, mudanças, alterações nessa sociedade necessitavam, fundamentalmente, de um partido classista, de uma organização independente dos trabalhadores, que era uma palavra de ordem permanente da POLOP e do POC. Bem, descobrimos isso, mas as condições do momento exigiam mais. Precisávamos de partido, precisávamos enfrentar uma sociedade capitalista, atrasada, subdesenvolvida, inserida num capitalismo global e onde a classe dominante já renunciara à luta por soberania nacional e por uma democracia plena. Agora, eu acho que, nesse período, a grande contribuição, ao menos para mim, pessoal, foi conhecer as contribuições do trotskismo. Elas já existiam há muito tempo, nós é que não conhecíamos.

JEFERSON MIOLA: Como foi tomar contato com essa literatura? Foi na prisão?

RAUL PONT: Sim, já tinha lido alguma coisa, mas foi na pri-

ENTREVISTA
RAUL PONT

são que lemos e estudamos textos como a “Revolução Permanente” e o “Programa de Transição”. O problema da transição numa estratégia socialista é a questão democrática. Como se preenche essa passagem, como superar a velha dicotomia entre programa mínimo e programa máximo? A Teoria da Revolução Permanente era uma reafirmação daquilo que nós vínhamos afirmando, tateando, propagandisticamente. Ela dava outra visão, muito mais clara, sobre a experiência soviética, sobre a questão das etapas e o papel cumprido pelas classes sociais em sociedades atrasadas ou de origem colonial. A enorme incapacidade de as burguesias desses países protagonizarem um desenvolvimento autônomo ou levarem adiante uma plena democratização. Há situações e conjunturas que reúnem condições muito particulares, muito espontâneas, como Cuba. Mas são situações singulares e não contradizem a tese no comportamento das classes sociais. Apenas não podem ser exportadas como uma receita igual para outros países.

JUAREZ GUIMARÃES: O POC resistiu ao apelo militarista da época? Por que o POC não foi todo para a luta armada, como vários outros grupos foram, como a ALN, como a COLINA, como a VPR?

RAUL PONT: A ideia de que, antes disso, tinha que ter um partido. Um partido que não era meia dúzia de militantes ou um bom manual de guerrilha urbana. Tinha que ter um partido de milhões. Num país como o nosso, continental, cada vez mais urbanizado, essa organização era pré-condição. Se não de milhões, pela conjuntura ditatorial que vivíamos, mas um grande partido.

JUAREZ GUIMARÃES: Vocês tinham essa consciência na época, como você está dizendo. A questão era de formar um partido de massas...

FLAVIO KOUTZII: Acho que tínhamos também consciência de que um partido de massas era longe demais, mas que não po-

dia perder a raiz com o trabalho classista e com o trabalho operário. Então, isso que eu acho que era forte tanto do que vinha da POLOP quanto a nossa convicção...

JUAREZ GUIMARÃES: A única referência que tinha para esse tipo de debate era a POLOP.

RAUL PONT: O POC não chegou a fazer esse debate. Ele ficou muito restrito na direção, influenciado pela conjuntura, por ações de grande repercussão. Não houve um debate nacional sobre isso. A repressão e a busca pela sobrevivência impediam uma avaliação mais profunda. E, logo depois, muitos foram para o exílio ou para as prisões.

Nós não tivemos de maneira organizada esse debate sobre ações armadas, sobre como nos relacionar com grupos de ação armada. Éramos um grupo pequeno, que estava crescendo. Quando saímos do PC e formalizamos o início da Dissidência, só na UFRGS tínhamos uns 140 a 150 militantes, o que, para a época, não era pouca coisa.

Agora, assim que endureceu a repressão e assim que as condições mudaram a partir de 1968 e começaram as prisões e as torturas, a participação caiu rapidamente. Com as primeiras prisões em Porto Alegre, fui para São Paulo e fiquei alguns meses em apartamentos de companheiros sobrevivendo para ver onde eu ia ficar, onde eu ia arrumar emprego, de acordo com uma visão do trabalho político do POC.

JUAREZ GUIMARÃES: Quando se deu, mais precisamente, isso?

RAUL PONT: Já era 1970. Há um debate, uma discussão que ficou muito restrita, na direção, quando o Eder Sader, o Ernesto Martins e outros rompem com o POC para reorganizar a POLOP, alegando um desvio militarista de outra parte da direção (Emir, Koutzii, Angela, Merlinio e outros). O conjunto que ainda restava da organização não vive esse debate e as condições para fazê-lo eram as piores. Mas que nós não tínhamos

ENTREVISTA
RAUL PONT

nenhuma disposição, nenhuma história de embarcar numa experiência tipo VAR ou VPR, isso não, não estava no nosso horizonte. Chegamos a ter algum comprometimento em uma ou outra ação para captar recursos e deu errado, porque passamos a ser visíveis depois que os outros grupos foram presos e torturados e nós aparecemos como outra organização.

Em 1971, com muitos presos ou exilados, começa outra história. Mas essa tradição que tem uma ruptura aí é que se tenta retomar a partir de 1973. Um grupo localizado aqui no RS, com um pequeno grupinho em São Paulo, em 1975, 1976, na Unicamp, com os contatos com os mineiros da Centelha.

JUAREZ GUIMARÃES: Uma questão importante também seria identificar, nesse ponto da formação do POC, nesse curto período de resistência, qual era o grau de crítica à tradição stalinista que vocês já tinham formulado, qualificar isso melhor. Quer dizer, vocês tinham pego a crítica *caiopradiana* à versão do Brasil feudal, vocês tinham recebido, o Flavio falou, as notícias vindas da nova esquerda francesa, colocado novos temas, provavelmente a crítica também à invasão da Tchecoslováquia; vocês tinham experimentado o que é discutir num partido que não tem democracia. Qual era o grau de consciência antiestalinista que vocês haviam formado nessa época? Depois você vai falar que vai encontrar o Trotski na prisão, também, quer dizer, vão se formando elementos...

FLAVIO KOUTZII: Só uma observação: você está citando várias vezes o Caio Prado Jr., mas isso não se transformou, para nós, em uma “ortodoxia”, entendeu? Na realidade, nós refletíamos certo empirismo, e aquele processo de transição pela qual passava geralmente toda a esquerda brasileira, especialmente os setores mais jovens, que buscavam, e depois deu no que deu. O POC, digamos assim, não era uma coisa sofisticada. A crítica de Caio Prado Jr. permitia entender que a caracterização básica que o Partidão fazia do Brasil, e que tinha sido derrotada programaticamente com o golpe, não tinha ra-

ção de ser. Mas a minha memória é de que era uma coisa difusa, assim, com essas fontes, tanto esse pessoal, individualmente, que veio da Europa, quanto aquilo que nós mais líamos, a Universidade Crítica, nossa percepção do autoritarismo e do absoluto caráter antidemocrático do stalinismo – não sei se já usávamos a expressão, mas parte dos seus crimes começamos a conhecer, e isso estava bem presente.

JUAREZ GUIMARÃES: Isso vai ser muito importante porque, exatamente, dentro dessa cultura, vai se formando um caldo de cultura mais libertário de esquerda, quer dizer, você está avançando o processo de desestalinização da esquerda brasileira, está construindo elementos fortes de desestalinização ali, num momento em que isso não está presente, pelo menos na experiência, por exemplo, da ALN, do MR8 do PCdoB ou da AP..

RAUL PONT: Uma coisa me chamou a atenção quando li aquele livro do Dirceu e do Wladimir sobre a juventude, o movimento estudantil, enfim, os acontecimentos da resistência do movimento até a prisão em Ibiúna. O que me chamou a atenção naquele livro é que em nenhum momento eles botaram na roda o debate mais teórico, programático, vivido naquele período. A conjuntura era semelhante ao que nós vivíamos aqui. A ALN ou o MR8 eram situações também de dissidência, de ruptura, de busca. Foram feitas muitas coisas semelhantes, a passeata, o enfrentamento. Mas me chamou a atenção que não tem nenhuma justificativa programática, teórica e ideológica do que nós estávamos fazendo, porque se estava fazendo aquilo, o que significava a ruptura com o PCB. Para nós, era muito claro que, numa conjuntura de repressão, ditadura, predomínio do imperialismo, não íamos privilegiar brigar com a União Soviética... Não era isso. A ausência que senti no livro é de que vivíamos, junto com o enfrentamento à ditadura, uma profunda revisão da tática e da estratégia da esquerda.

JEFERSON MIOLA: Nem o Trotski fez isso, não é?

ENTREVISTA
RAUL PONT

RAUL PONT: Claro, não tinha sentido ficar brigando ou chamando eleição, democracia na URSS. Mas o fato é que nós já não tínhamos, a partir desse período – ao menos na minha experiência, na do Flavio também –, a mínima ilusão, a mínima expectativa de que dali saísse algum coelho. A burocratização da URSS caminhava para deteriorar. Quando vai ocorrer? Isso não sabíamos, mas já não tinha mais nada a ver com a construção do socialismo, com a democratização da sociedade, do controle dos trabalhadores sobre a produção. E, em parte, não sei se é coincidência, mas aquele livro me chama a atenção sim porque ele não reflete esse debate. Ficou muito diminuído, muito superficial, muito pequeno. Isso, talvez, tenha facilitado saídas voluntaristas, espontaneístas. A gente, aqui, a partir de 1967, 1968, debatia muito, principalmente quando aumentou o contato com a experiência que vinha ocorrendo com a juventude europeia, com a JCR na França, com Daniel Bensaid, Henri Weber e Michel Lowy, os artigos que vinham lá da Itália, do Lívio Maitan, e que a gente recebia e reproduzia, e que orientavam nossa luta no movimento estudantil.

FLAVIO KOUTZII: Uma observação que, na ambição da entrevista, está explícito isso aqui, nas falas, mas só para sublinhar mais, que acho que também tem muito a ver com a posição, com as convicções do Raul. Aquele processo, que é o tsunami da luta armada e do Régis Debray, e que, no caso, me pegou. É muito importante isso, e aquele grupo em que estava o Emir, eu e a Ângela vai inclusive dar o nome de *POC-Combate* àquela revista que produz, e, explicitamente, uma das suas teses é para explicar e defender o porquê da luta armada, fora o fato de que naquele momento a Quarta do Secretariado Unificado estava fazendo uma virada para apoiar a opção da luta armada. Quer dizer que a culpa foi deles, nós nem pensávamos nisso.

JUAREZ GUIMARÃES: Mas vocês chegaram a conversar so-

bre isso? Sobre essas opções da luta armada enquanto saída estratégica?

RAUL PONT: Depois de Porto Alegre, nos encontramos pouco em São Paulo. Com o racha no POC, vocês saíram do país no final de 1970, não foi, Flavio?

FLAVIO KOUTZII: É, no final de 1970, exatamente, dezembro de 1970...

RAUL PONT: Sim, depois daí, só fomos nos encontrar em 1973, em Buenos Aires. Quando saí da Ilha das Pedras Brancas, no lago Guaíba, logo após o julgamento no final de 1972, fui visitar a família em Uruguaiana. Meus pais estavam com viagem marcada para Miramar, ao sul de Buenos Aires. Convidaram-me para ir junto, para ajudar a dirigir o carro. Fui e na volta encontrei o Flavio, a Maria Regina, o Paranaguá, o Celso. Haviam voltado da França e estavam “dançando um tango” portenho.

JEFERSON MIOLA: O terror da ditadura atomizou as organizações de esquerda. Veio o exílio, a prisão e o aniquilamento de muitos militantes. Aumentou muito a responsabilidade dos militantes que ficaram no Brasil e seguiram lutando na clandestinidade depois da prisão.

No teu caso, significou responder a exigências teóricas, intelectuais e programáticas muito complexas e de enorme repercussão histórica. Tu tinhas consciência do que representava a dedicação de vida a esse empreendimento histórico?

RAUL PONT: Não, eu acho que não.

JUAREZ GUIMARÃES: Eu acho que a função da entrevista de não banalizar essas escolhas que foram feitas em um quadro muito difícil é muito importante porque, como você disse, nós estamos identificando um tempo de uma militância que saiu dessa condição e chegou a outra, quer dizer, que fez essa passagem. Como sobreviveu a isso, como marchou?

RAUL PONT: Vou contar uma historinha que eu acho que responde. O José Bernardo, que eu acho que todos conhecem aqui...

ENTREVISTA
RAUL PONT

JUAREZ GUIMARÃES: O leitor da revista não conhece.

RAUL PONT: Não conhece. José Bernardo Coutinho, irmão do Maurício Coutinho, que está lá em Campinas. Ele, o Maurício e a Maria Alice militavam no nosso grupo, na UFRGS, já em 1973/74, na Nova Proposta, e ele sempre tinha uma preocupação com a nossa pequenez diante das enormes tarefas que tínhamos pela frente. Ele dizia: “É, mas eu acho que daqui a pouco vai passar um grupo aí e a gente entra, não é, maior que nós.” E eu dizia para ele: “Zé, não vai passar.” Então, é isso, eu dizia “não vai passar”. Nós somos pequenos, vamos continuar pequenos, mas tem que reconstruir, é isso. Eu dizia: “Não vai passar nada aí para nós pularmos para dentro, e vamos ser maior.” Não, podemos até juntar forças no futuro, mas passar o trem vermelho, não vai. A gente mesmo é que tem que dar conta, e somos muito pequenos mesmo, mas vamos fazer a nossa parte aqui, vamos crescer. Nessa época, já tínhamos contato com a *Brasil Socialista*. Mas a ditadura ainda estava viva e o problema era acertar na política. Talvez o Zé fosse profeta e já estivesse pensando no final da década e no “trem petista”.

JUAREZ GUIMARÃES: Isso de “trem” está parecendo conversa de mineiro...

RAUL PONT: Porque essa questão está muito ligada com a outra matéria que tem na revista *Democracia Socialista* nº 1, que é da professora Rosalba Lopes sobre a experiência da revista *Brasil Socialista*, nos anos 1970, que vive esse problema. Ali já tem uma autocrítica profunda da luta armada. E sobre isso há acordo. Mas, na hora de unificar e buscar uma alternativa, há a ausência da questão democrática e de uma compreensão e de um conhecimento da contribuição do trotskismo. Parece-me que, ali, tem-se a demonstração clara de que o pessoal não consegue sair do doutrinário ou de uma visão meramente propagandista, ou uma visão equivocada, compreende? Nós vivemos, no PT, já depois de 1980, e eles viveram

ali na *Brasil Socialista* daquele período, o desafio de encontrar uma proposta, encontrar uma unidade, um consenso para fazer a luta política global contra a ditadura. Quando aparece a proposta de Constituinte, não há acordo, não tem consenso. Nos primeiros anos do PT, a companheirada do MEP e de outras correntes dentro do PT era contrária. Diziam o quê? O povo não come Constituinte, o povo não está interessado...

JUAREZ GUIMARÃES: Isso foi nos anos 1980, não é?

RAUL PONT: O PT já estava existindo, então, sobre isso, a esquerda brasileira teve muita dificuldade. Primeiro, em sair do stalinismo; segundo, viveu experiências dolorosas na questão da luta armada. Isso não diminuiu os problemas de uma postura mais doutrinária, mais propagandista e da necessidade de ter uma política para muitos, para o país. Eu acho que nós conseguimos responder. Nós tivemos, naquele tempo, uma discussão com o grupo mais antigo. Nos engalfinhamos aqui em uma discussão sobre essa história. Ela apareceu para nós, quando da derrota da ARENA em 1974, que escancarava um espaço e uma potencialidade que já aparecia na luta política e sobre a qual não havia acordo. Aqui, a maior parte da esquerda estava ainda no voto nulo, na denúncia da ditadura.

JUAREZ GUIMARÃES: Nosso grupo em Minas Gerais definiu o apoio ao MDB, em 1974.

RAUL PONT: 1974? É, aqui a gente tinha uma discussão sobre isso, e eu escrevi um texto quando estava na Unicamp, em 1975, sobre o papel da democracia na luta pelo socialismo. Já tinha começado esse debate aqui, já tínhamos alguma inserção no setor jovem, mas tudo na base de certo aparelhismo utilitarista. Poucos estavam filiados no MDB. Estávamos participando do IEPES/MDB, para o debate político, pelo guarda-chuva protetor da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Fazendo um debate aberto com todo mundo. Então, isso era uma característica forte nossa. Nós defendíamos e ha-

ENTREVISTA
RAUL PONT

via acordo dentro do grupo, mais discreto, clandestino, através da Nova Proposta. Esta era uma corrente mais ampla na universidade. Discutimos e chegamos à conclusão de que tinha que ocupar aquele espaço, assim como a gente estava botando um pé no sindicato, botando um pé aqui, outro acolá. Aí tem um espaço para reaglutinar a esquerda, fazer uma autocrítica, discutir com a turma que passou pela APML, que passou pela Ala Vermelha, pela VAR; vamos juntar esse povo todo e fazer uma avaliação, trabalhar juntos, construir alguma coisa. Havia, então, entre nós, esse espírito de construção do que havia sobrado do POC e que começamos a reorganizar a partir de 1973. Essa visão a gente possuía, e era muito consciente de que tinha que estar ali dentro e chamar todo mundo e tentar trabalhar junto, com divergências, mas trabalhar juntos. Isso era o IEPES. Um espaço institucional do MDB/RS, mas sobre o qual o Partido não tinha um controle programático hegemônico. Havia grande autonomia, e ali reagrupamos ex-presos políticos das várias correntes, mais uma nova geração universitária, de sindicalistas e intelectuais.

JUAREZ GUIMARÃES: A experiência excepcional de formação da Tendência Socialista do MDB gaúcho, em meados dos anos 1970, tem a característica particular de, ao mesmo tempo, utilizar-se de maneira forte de um espaço institucional legal e atuar com autonomia pública na dimensão ética, socialista. Penso que isso não ocorreu em nenhum outro lugar do Brasil, não conheço nenhuma outra experiência de um trabalho dentro do MDB e ao mesmo tempo de delimitação de um campo de valores próprios de uma esquerda que quer tornar públicos esses valores. Acredito que valeria a pena chamar atenção sobre ela, sobre o ineditismo dessa experiência de você produzir no interior de um partido legal de uma ditadura militar uma tendência socialista pública.

RAUL PONT: Primeiro, a gente tinha um trabalho que era recuperar o contato na universidade, que tinha uma renovação

muito rápida. Quando eu saí da Ilha e voltei aqui para Porto Alegre, eu não tinha como escapar, as pessoas vinham perguntar como é que foi, como era, o que vocês faziam, já era outra geração. Impressionante a rapidez com que, na universidade – e eu tinha saído em 1969 – ocorre uma renovação geracional. Já havia uma nova vanguarda no movimento estudantil querendo fazer coisas, promoções, debate, discussão. Aí é que a gente reconstrói uma corrente, um pequeno grupo na universidade, que assim como vocês tinham o Centelha em Minas Gerais. Aqui foi a Nova Proposta, organizando estudantes que não concordavam com a linha e os métodos do PCdoB. Eram estudantes das Ciências Humanas, da Economia, da Arquitetura, da Agronomia e outros cursos. O primeiro espaço foi esse, mas logo era visível, a partir de 1974, que tinha que se ocupar um espaço externo. A demonstração eleitoral contra a ARENA votando em massa no MDB mostrava o crescente desencanto com o regime e aí devíamos estar. Começamos a trabalhar junto ao IEPES. Nisso o André Foster tem um papel importante porque ele estava já trabalhando como assessor do MDB, mas era um cara aberto e com uma visão muito além do MDB, do ponto de vista de um campo de esquerda, de um campo de enfrentamento à ditadura. O Lidovino Fanton, deputado da região de Farroupilha, era o presidente do IEPES, nos abria o espaço, a possibilidade de aproveitar o espaço da Assembleia Legislativa, as salas de reunião da Assembleia e, *bueno*, isso gerou uma discussão enorme. As pessoas do POC que voltaram da Argentina, antes das prisões de 1975, onde militavam no PRT, foram para São Paulo e achavam isso uma heresia, achavam isso um erro político. Defendiam a continuidade do trabalho molecular de um contato aqui, outro lá. Pôr alguém em uma fábrica, conseguir um contato em um sindicato. Critérios rígidos de clandestinidade, pontos de encontro, codinomes etc. Nós defendíamos um trabalho mais amplo, pois, para nós, a conjuntura já colocava isso na ordem do dia.

ENTREVISTA
RAUL PONT

JUAREZ GUIMARÃES: Até nós, lá de Minas, olhávamos meio desconfiados para essa ideia de construir uma tendência no MDB.

RAUL PONT: É, a gente, então, começou a ocupar esse espaço, no IEPES em primeiro lugar, a organização da Tendência Socialista foi mais tarde, depois da eleição do Marcos Klassmann para vereador em Porto Alegre (1976). A Tendência Socialista vai se formar em 1977/78.

JUAREZ GUIMARÃES: E quais setores faziam parte da Tendência Socialista?

RAUL PONT: A gente adotava um sistema assim: tínhamos um núcleo de umas cinquenta, sessenta pessoas, que éramos do IEPES, nem todos filiados ao MDB, eu não era filiado, mas eu era do IEPES. Então tinha um grupo de sindicalismo, um grupo de movimento estudantil, um grupo de feminismo, que se reuniam para discutir esses temas. Havia também pessoas ligadas ao trabalho da Igreja no movimento comunitário. Ao mesmo tempo, fazíamos reuniões de todo mundo. Promovíamos debates abertos, públicos, no plenário da Assembleia. A primeira vez que trouxemos aqui o Fernando Henrique Cardoso, o “príncipe dos sociólogos”, professor casado e já no CEBRAP, o Pedro Simon, muito desconfiado, não acreditava no evento. O André apostou com ele um litro de uísque que nós enchíamos a Assembleia. Ele dizia: “Vocês estão loucos, o Delfim veio aqui semana passada e não tinha 200 pessoas e vocês vão me dizer que vão encher a Assembleia?” Precisávamos do MDB para garantir o auditório, pagar a passagem de avião e o hotel. Levaram um susto, porque, no dia do debate, a segurança teve que fechar a Assembleia porque não cabia mais gente. Passamos a ser vistos com outros olhos.

Bueno, a turma do CEBRAP veio toda, veio o Ianni, veio o Weffort, veio o Chico Oliveira, trouxemos toda a equipe, em momentos diferentes. Quebrava-se o encanto do proibido, de

que não se podia juntar gente, não se podia tratar de determinados assuntos. Havia um público ávido por isso. Não era estudantil. Outros setores começaram a aparecer. A direção do MDB ficou surpresa e assustada. Descobrimos um filão de ouro aqui. “Como é que vocês fazem isso?” É só sintonizar com o que as pessoas querem ouvir, vamos sintonizar com os anseios da população. A partir disso, firmamos uma opinião: nós temos que estar aí dentro. Isso não nega, não tira uma vírgula de que temos que estar no sindicato, temos que estar ali, temos que estar em tudo, mas temos que estar aqui também, não vamos deixar esse espaço.

No setor jovem do MDB de Porto Alegre, a gente já tinha maioria na diretoria, e disputava espaço na juventude estadual. O Zezinho, Zé Oliveira, era da municipal aqui, com a experiência de Porto Alegre e para enfrentar o problema de idade, pois muitos de nós não eram estudantes nem jovens. Como chegar a outros setores, como crescer no interior do estado? Então, como é que vamos fazer isso? Vamos organizar uma tendência dentro do MDB, vamos organizar uma tendência socialista que independe de idade, é uma tendência socialista que vai pegar jovem, trabalhador, sindicalista, o que vier. E isso nos permitia reunir, organizar. Já tínhamos vivido a eleição do Klassmann em 1976. Foi riquíssima. A bandeira era “Vote Contra o Governo”. Cada panfletagem era rolo, prisões, notícia no dia seguinte. O Marcão foi cassado na primeira semana após a posse.

Começamos a trabalhar com o Américo Copetti, que era deputado. Em 1978, reelegemos o Copetti, fomos importantíssimos para reelegê-lo. Quase elegemos o Irani Muller, que na última hora se identificou com a Tendência Socialista, assumiu um compromisso com a gente para fazer dobradinha. Me lembro bem, ele disse: “Mas vocês, hein, eu nem passei em Porto Alegre.” O Irani era do noroeste do estado, não tinha a ver com Porto Alegre, e nós fizemos 3 mil votos para ele em Porto Alegre.

ENTREVISTA
RAUL PONT

E reelegemos o Copetti, não conseguimos eleger o Irani, e ele também estava identificado com a Tendência. Ficou como primeiro suplente federal. O Copetti era firme, socialista cristão, muito humanista.

O Copetti, outro dia, foi numa reunião. Essa história é muito interessante. Há pouco tempo, nas eleições de 2008, o Copetti foi numa reunião do PT em Tramandaí. Soube que estava tendo uma reunião do partido, foi lá, pediu a palavra e disse: “Olha, eu sou o Américo Copetti, fui deputado, e estou aqui para dar um depoimento a vocês. Quero dizer para vocês que, naquela oportunidade, eu e mais dois ou três não seguimos essa gurizada. Mas eles tinham razão.”

Ele testemunhou que, quando saímos em bloco para formar o Movimento Pró-PT, ele achou que era uma aventura, muito risco, e optou pelo PDT, com Brizola, na reorganização partidária. Trinta anos depois, reconheceu, publicamente, que nossa proposta de construção do PT era melhor.

JUAREZ GUIMARÃES: Existia uma clara consciência da transitoriedade da ocupação desse espaço.

RAUL PONT: Nossa ideia era ocupar um espaço que nos permitia viajar para o interior. Quando a Tendência Socialista definiu entrar no movimento PT, ficou fora só o Copetti, o chefe de gabinete dele e mais um ou dois. Noventa e nove por cento das pessoas da Tendência Socialista saíram organicamente para o movimento PT. Por quê? Porque todos sabiam que aquilo ali era uma etapa, um momento. Nós estávamos ali para ocupar um espaço, para lutar pela democracia plena, pela reconstrução partidária. E um dos pontos programáticos, e aí eu não estou inventando, está escrito lá no programa, é que um dos pontos da nossa luta programática era por um partido de trabalhadores.

JUAREZ GUIMARÃES: Aí já era a antiga reivindicação da POLOP, do POC, porém agora inserida na luta democrática. A saída do labirinto tinha sido encontrada nesse momento...

RAUL PONT: Exatamente. No nosso texto de programa da disputa eleitoral de 1978, um dos pontos está ali, a luta de construção de um Partido de Trabalhadores. Era o que a gente queria no POC, era o que nós aprendemos com a POLOP, era uma sequência que agora não era mais um desejo, um sonho, não, agora era uma realidade palpável. Crise do regime, explosão da luta sindical por todo o lado e reorganização partidária.

JEFERSON MIOLA: Isso já prefigurava o PT, prefigurava o que foi a construção do PT, com a confluência de organizações de esquerda, movimento eclesial, movimento sindical, popular, intelectualidade.

RAUL PONT: O Olívio Dutra aqui...

RAUL PONT: E a nossa contribuição no PT aqui foi importantíssima para o PT não ser sectário e não ser esse hegemonismo que marcou o partido da corrente majoritária. Aqui foi o único estado – não foi só a DS, outras correntes também defenderam isso –, mas foi o único estado em que desde o primeiro momento da comissão provisória pró-PT teve proporcionalidade para todos os dirigentes, inclusive na direção executiva. E depois levamos dez anos para conquistar isso no Estatuto do PT, em 1990.

JUARez GUIMARÃES: Vocês tinham recolhido essa proposta também inédita na análise crítica da história das demais tradições socialistas, não é? Porque os partidos da Segunda Internacional não tinham o direito de tendência. A tradição dos partidos da Terceira Internacional, também não. É verdade que, na tradição da Quarta Internacional, havia certo cultivo da possibilidade de tendências internas, mas não eram partidos de massa. Agora, isso de fazer representar as tendências internas proporcionalmente nas direções é inteiramente original.

RAUL PONT: Nós já tínhamos uma briga dentro do MDB, que era a Lei Orgânica dos Partidos, do tempo da ditadura. Ela dizia que, com 20% dos convencionais, se poderia ter di-

ENTREVISTA
RAUL PONT

reito de representação no diretório, não na Executiva. Talvez isso se justificasse pela sublegenda, aquela política da sublegenda permitida no bipartidarismo. Não ficamos muito tempo dentro do MDB como uma corrente para testar métodos de construção. Mas quando nós chegamos ao PT, quando se organizou o movimento Pró-PT, essa questão era muito necessária, e decorrente da própria experiência de formação do PT. Como é que iríamos encaixar num único figurino, nós, que vínhamos de uma experiência, o Olívio, a Geci, a turma que vinha dos sindicatos, a turma que vinha da Convergência, da Liberdade e Luta, que levou um ano namorando, mas depois entrou, a turma que vinha da igreja, que era de um basismo muito forte? O jeito de nós sobrevivermos foi criar um mecanismo de proporcionalidade. Esse debate, para nós, foi muito tranquilo, mas decisivo na formação do PT.

Isso respondia muito a essa necessidade histórica e particular do PT. Essa experiência do PT realmente é uma singularidade mundial, porque, na maioria dos casos, os PCs e os PSs não tinham essa tradição. Não conheço experiências de esquerda semelhantes e, quando se fala disso em outros países, há um misto de surpresa e descrença de que funcionemos assim.

JUAREZ GUIMARÃES: A Frente Ampla, no Uruguai, adota esse princípio?

RAUL PONT: Não, a Frente Ampla é diferente, porque é uma frente de partidos, com Mesa Diretora, mas não há uma composição proporcional na Direção que responda exatamente ao tamanho proporcional de cada corrente.

JUAREZ GUIMARÃES: Há uma questão de que ainda não falamos, sobre a experiência da prisão e da tortura. O que o Raul Pont guardou no fundo do peito dessa experiência, que foi retomar a vida depois da prisão e da tortura?

RAUL PONT: Eu acho que para isso a gente nunca está preparado, por mais que a gente soubesse que podia acontecer. De-

pois que o pessoal saiu para o exílio e a repressão foi aumentando cada vez mais, e a gente estava muito desarticulado em São Paulo, houve as prisões aqui no Rio Grande do Sul, então, eu acho que, enfim, eu...

JUAREZ GUIMARÃES: O Marco Aurélio e a Beth foram presos?

RAUL PONT: Não, porque eles saíram de novo para estudos na França. O Flavio, o Emir, a Maria Regina, a turma que estava em São Paulo saiu depois da prisão do Régis Andrade.

O Régis foi preso junto com o Araújo, da VAR, em São Paulo. Nessa época, eu estava morando em uma casa em Osasco, com um companheiro que morreu depois na Nicarágua, em um acidente. Era da Física da USP. Filho de espanhol, acho que ele já era brasileiro, e o polaco, o Stanislau, que trabalhava numa fábrica e militava na região.

Nós três morávamos num “aparelho” alugado pela Helena Hirata ou pelo Gilberto Martins, não me lembro qual dos dois. E o único contato que tínhamos com a organização era através do Régis. Quando ele furou o segundo ou terceiro ponto de encontro, largamos tudo lá e deixamos a casa. Juntamos o que deu e cada um foi para um canto.

Eu fui para uma pensão ali em Higienópolis, em São Paulo. As condições estavam difíceis, claro, mas eu conseguia ainda me segurar, e arrumei emprego, comecei a dar aula num pré-vestibular na Sé e num curso de São Bernardo, Curso Bandeirantes. Este era importante, pois funcionava de acordo com os turnos das fábricas. Durante meses, tive “plateias” da Ford, da Volks. Estava muito bem.

Quando fui preso, lá por agosto de 1971, com as prisões em 1970 no RS, o meu nome, a minha identidade, tudo já estava de posse do DOI-Codi. Eu deveria ter ido para o exílio, tinha que ter ido embora. Mas não fui, aquela história de achar que comigo não vai acontecer.

Bateram no apartamento, já não tinha apartamento, tive que sair do emprego. Vinha sobrevivendo na casa do sogro da mi-

ENTREVISTA
RAUL PONT

nha irmã. Um metalúrgico aposentado lá de São Caetano, que tinha sido do PC, que compreendia essas coisas, ainda que não militasse mais havia muito tempo, mas entendia, sabia as coisas e era muito esperto. E eu fui num ponto, fui preso num ponto, a pessoa com quem eu tinha marcado foi presa e torturada antes e abriu o local de encontro. Fui preso lá no Iguatemi, dentro do Shopping Iguatemi lá na Faria Lima. É, eu acho que é muito difícil, a gente estava, de certa forma, preparado, porque estava no jogo, estava na dança, podia ser preso.

Acho que isso ajuda muito, tu teres já uma condição de que existe essa possibilidade. Agora, lá dentro, é outra coisa. Eu peguei a OBAN e o “Doutor Tibiriçá”, major Carlos Alberto Brilhante Ustra, no comando. Quando cheguei, o Merlino tinha morrido havia pouco tempo, tinha morrido lá, o companheiro da Ângela, o Merlino. É muito duro, mas acho que consegui sair inteiro, ou meio inteiro. Muito por isso, pela cabeça, por saber que aquilo podia acontecer, que ia durar um tempo, mas não ia durar a vida toda, que eu tinha que aguentar, o que deu para aguentar, aguentando, o que não deu, não deu.

A tortura, a violência física, é algo completamente absurdo, porque os caras tinham criado lá um sistema bem eficiente para demolir o preso, mesmo. Era para te deixar completamente vulnerável, impotente. Era tortura sistemática, sem hora marcada, tu podias ser levado de noite, de tarde, de manhã, era 24 horas ali, o método era para quebrar o preso. E claro que não tinha muito o que arrancar de nós. Boa parte estava preso, outra no exílio, outros não se conheciam. Arrancar o que, então?

JUAREZ GUIMARÃES: Você teria sido salvo pela inteligência do aparelho repressivo que sabia, provavelmente, que já não tinha mais o que arrancar de você?

RAUL PONT: A gente apanhava às vezes duplamente, porque inventava um ponto frio para aliviar. Você ia lá, não aparecia ninguém, você apanhava duplamente: primeiro, porque era subversivo; segundo, porque mentiu que ia encontrar e nin-

guém apareceu. Não saber nomes, não saber endereços de trabalho ou moradia é a maior segurança para não dizer nada ou sustentar versões do que se sabia.

Os oficiais que comandavam as equipes de interrogatório e tortura também não eram baluartes ideológicos do fascismo ou do autoritarismo. Acho que nem todos foram voluntários, ou foram por grana ou alguma promoção. Afirmavam, ao menos, que estavam defendendo a pátria...

No meio do interrogatório deles, você acabava conversando alguma coisa, inventando uma história. Um dia, um oficial daqueles me apresentou outro oficial que dizia ter um projeto para desenvolver a Amazônia. Como eu era professor, e me chamavam de ministro, porque eu tinha muita opinião, o cara resolveu me mostrar o projeto, e eu resolvi discordar do projeto. Ele propunha colônias de desenvolvimento na Amazônia, estimuladas pelo Estado, para povoar a região. Trávamos longa discussão teórica, econômica, sobre a Amazônia. Enquanto isso, não era interrogado, nem estava apanhando. E, ao mesmo tempo em que eles diziam que estavam ali cumprindo uma função, salvando o Brasil do comunismo, apareciam crises existenciais nos caras. Dúvidas do que estavam fazendo ali. Brigas com a mulher, problemas dos filhos; no meio daquele surrealismo, apareciam essas conversas. Mas o cardápio ali era oferecido para todos: passava pelo pau de arara, a cadeira do dragão, a palmatória, o simples porrete, faziam todas as experiências, e era isso, duríssimo.

JUAREZ GUIMARÃES: Você chegou a viver situações-limite, assim, de desestruturação física?

RAUL PONT: O choque elétrico é desse tipo, pois parece que você descola por dentro, mas eu acho que as situações de vocês, lá fora, o sistema na Argentina que o Flavio viveu, eram piores. No Brasil, o sistema carcerário não é nenhum exemplo. Você saía da OBAN e entrava naquela zona que era o Presídio Tiradentes.

ENTREVISTA
RAUL PONT

O Tiradentes era uma cadeia enorme com presos comuns e alas de presos políticos, masculinos e femininos. Primeiro, você já saía do isolamento. Estar preso com mais cinco, seis, oito pessoas numa cela é conversar, contar histórias, inventar ginástica, artesanato, tomar sol. Muda completamente.

Fora a OBAN, eu acho que isolamento deve ser brutal, o cara ficar sozinho, é uma tortura. Na nossa experiência aqui, é tudo enjambrado. Na cadeia do Tiradentes, nós chegamos a estabelecer tabela de preços para negociar cota de horário de sol, quanto vale uma hora, quanto vale troca de prédio. Uma polícia corrupta, a administração pior ainda, então, os presos políticos se organizaram e estabeleceram uma tabela de preços. Para tomar sol fora do horário, o máximo que se paga é tanto! Os nossos vizinhos de cela no Tiradentes eram os freis – o Beto, o Tito. Havia um acordo lá com a administração, de que a cela deles ficava aberta para eles serem intermediários de tudo o que era problema das celas, com a administração, advogado, doença, coisa urgente. Sair dos centros de tortura e interrogatório para presídios comuns ou alguns que se “especializaram”, tipo a Ilha no RS, o Tiradentes, o Barro Branco e outros, era sair de uma situação para outra muito diferente.

JEFERSON MIOLA: E quando tu caís, e tua família toma conhecimento, cria-se uma rede de denúncia, de proteção?

RAUL PONT: Não, levou uns dias, porque eu não fui preso, eu fui sequestrado, sem nome, sem endereço, sem nada. Fui sequestrado por um bando de jagunços da OBAN. Os caras eram mais mal-encarados que eu, que era o subversivo. Quer dizer, era um bando de marginais, aquelas equipes da OBAN ou do DOPS. E, *bueno*, aí me levaram para a OBAN, na rua Tutoia, em São Paulo, sem lenço nem documento, sem mandato nem flagrante. Era sequestro.

JEFERSON MIOLA: Tu admitias ou negavas tua identidade?

RAUL PONT: Não, isso eles já tinham tudo. Tinham uma cópia da minha identidade aqui do Rio Grande do Sul, carimbadinha, tudo bonitinho. Mas não, não tinham nenhum man-

dato judicial, era prisão preventiva, não tinha nenhuma culpa formada, nenhum julgamento, não tinha nada. Uma prisão preventiva com base na Lei de Segurança Nacional. Sequestro. Quem chegava lá para perguntar se o fulano está preso não tinha resposta, simplesmente não tinha. Nessa época, um parente do Flavio estava lá, que eu conhecia, mas não lembro a qual processo ele respondia. Apesar de a família já saber que ele estava lá, não conseguia contato nem com família, nem com advogado. Mas saber que a pessoa era procurada pela família já era algo importantíssimo.

Já o meu pai ficou sabendo porque eu não apareci mais na casa do sogro da minha irmã. O velho, esperto, já sabendo das coisas, ligou para Uruguaiana: “Olha, o Raul desapareceu. Estava aqui há vários dias e sumiu. Deve ter sido preso, então vocês devem tomar medidas nesse sentido, procurar um advogado.” O meu pai ficou apavorado e foi para São Paulo. Conseguiu, via Maçonaria, a informação. Ele era maçom e foi na Maçonaria, conseguiu encontrar um “irmão” milico. Contou o drama da família e tal. Acalmaram ele de que eu estava vivo, estava preso, não tinha visita, não podia ter visita, e que voltaria para o Rio Grande do Sul porque eu responderia a processo aqui também. Mas contato, advogado, essas coisas, não existiu. Fiquei uns vinte dias na OBAN, me levaram para o DOPS/SP e dias depois tinha um voo para cá trazendo uma turma da Ala Vermelha do PCdoB. Me botaram nesse voo, vim aqui para o DOPS. Como a turma do POC que tinha sido presa em 1970 já estava toda na Ilha, já tinha feito cartório, eu fiquei ali sobrando. Ameaças, gritos, mas não houve novas torturas. Esperei vários dias, semanas, até fazer a formalização no cartório para o processo. Depois me levaram para a Ilha, ainda voltei para São Paulo, lá no final do ano.

JUAREZ GUIMARÃES: O retorno a São Paulo foi para interrogatório no DOPS?

ENTREVISTA
RAUL PONT

RAUL PONT: É, para fazer cartório, que eu não tinha feito ainda, fazer a parte cartorial do processo lá no DOPS. Fiquei uns dias lá, um período um pouco maior no Tiradentes. Em janeiro de 1972, me trouxeram de volta, e aí não saí mais da Ilha. Em dezembro [de 1972], teve o julgamento.

JEFERSON MIOLA: Quais eram as imputações contra ti e qual foi o resultado daquele julgamento?

RAUL PONT: O julgamento na 1ª Auditoria da 3ª Circunscrição Judiciária Militar, em Porto Alegre, ocorreu em 20 de novembro de 1972. O processo envolvia as prisões de 1970 e 1971 realizadas em sua maioria no Rio Grande do Sul. Em torno de cinquenta pessoas foram presas nessas oportunidades. Muitas foram detidas por alguns dias e liberadas por falta de provas ou de informações sobre sua participação partidária. Algumas foram arroladas como testemunhas de que a organização existia, o que ajudou para mostrar a fraude do julgamento. No processo, estavam arroladas 24 pessoas, a maioria ainda em prisão preventiva.

Combinamos de negar as acusações, publicamente, pelo fato de as “provas” terem sido alcançadas mediante torturas, violências e constrangimentos. Dos que se encontravam presos, onze fomos condenados a penas menores do tempo já cumprido, com exceção do Fábio Marengo dos Santos, que recebeu pena superior, fruto de acusações de participação em ações armadas. Os demais foram liberados no julgamento, sendo que treze foram absolvidos por falta de provas que sustentassem as acusações. A acusação central era de organização de partido político proibido, num país em que o pluripartidarismo não havia sido revogado da Constituição. O Conselho de Sentença era constituído por um juiz auditor, Dorvalino Tonin, um tenente coronel e três capitães, que, diante das denúncias que fizemos sobre os depoimentos alcançados sob tortura, mesmo assim, estabeleceram a sentença com base nas acusações do promotor. Uma farsa que só demonstrava o arbítrio e o absurdo de uma ditadura

que não conseguia coexistir com oposição e direito de organização partidária.

O ridículo desses julgamentos só não se tornava público pela cumplicidade dos meios de comunicação, que repetiam as versões oficiais sobre os perigos da “subversão” e do “comunismo”.

LINHA DO TEMPO RAUL PONT

- 1944- Nascimento em Uruguaiana (RS), fronteira com o Uruguai e a Argentina
- 1945 – Fim da IIª Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil
- 1946 – Eleições gerais no Brasil e nova Constituição
- 1949 – Revolução Chinesa vitoriosa
- 1950 – Getúlio Vargas eleito Presidente da República
- 1951 – Raul entra no curso primário do Colégio União, em Uruguaiana.
- 1952 – Criação da Petrobras, após grande campanha popular
- 1954 – Suicídio de Vargas – Tentativa de golpe da UDN e militares
- 1955 – JK é eleito presidente do Brasil “50 anos em 5” e Brasília – expressões do desenvolvimentismo
- 1956 – Raul entra no ginásio do Colégio União
- 1958 - Leonel Brizola é eleito governador do RS
- 1959 – Revolução Cubana – Vitória de Fidel, Che e do Movimento 26 de julho
- 1960 – Raul ingressa no curso científico no Colégio União
- 1961 – Renúncia de Jânio Quadro e o movimento pela “Legalidade” em Porto Alegre – Brizola e a resistência no RS
 - Posse de Jango assegurada com compromisso de regime parlamentar
- 1962 – MTR divide PTB e Brizola não faz sucessor. Eleito Ildo Meneghetti (Ação Democrática: aliança do PL, PSD e UDN)

ENTREVISTA
RAUL PONT

- 1963 – Já bancário e com o 2ª grau completo, Raul vai para Porto Alegre
- 1964 – Raul entra no curso de História da Faculdade de Filosofia da UFRGS
- golpe civil-militar em 1º de abril
 - Raul inicia sua militância no movimento estudantil e na resistência à ditadura
- 1965 – Bancários realizam, em Porto Alegre, a 1ª Greve no regime militar no RS
- AI-2 fecha os partidos políticos, acaba com as eleições diretas para governador e prefeitos de capital e áreas de segurança
- 1966 – Raul faz segundo vestibular e entra na Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) da UFRGS. Na FCE, ingressa na célula do PCB.
- Demitido do banco, passa a dar aulas em curso de Madureza (Supletivo) e Pré-vestibular.
 - Começa a luta interna do PCB na preparação do 7º Congresso. Forma-se a Dissidência Leninista do PCB no Rio Grande do Sul.
- 1968 – Fusão da Dissidência Leninista e a ORM-POLOP dá origem ao POC (Partido Operário Comunista)
- Maio de 68 na França. Ruptura nos partidos tradicionais da esquerda
 - Raul é eleito presidente do DCE-Livre da UFRGS. Estudantes garantem eleições diretas como resposta ao Decreto 228/67
 - O congresso da UNE, em Ibiúna, é duramente reprimido. Todos os delegados presos
 - Dezembro, ditadura edita o AI-5. Fim do *Habeas Corpus* e dos direitos e prerrogativas individuais
- 1969 – Assume o regime militar o general Garrastazu Médici
- 1970 – Iniciam as prisões no RS. Repressão aumenta. Raul vai para São Paulo onde passa a viver numa semi-clandestinidade

- Raul trabalha como professor de Pré-Vestibular em SP e São Bernardo do Campo e militando no POC
 - Unidade Popular vence eleições no Chile. Salvador Allende eleito Presidente
- 1971 – Sequestrado pela Operação Bandeirantes (OBAN) em SP, durante o governo Garrastazu Médici, Raul passa pelo DOPS e pelo presídio Tiradentes e, após, é transferido para a ilha das Pedras Brancas, no Lago Guaíba, em Porto Alegre
- 1972 – Raul é julgado e libertado em novembro de 72, na 2ª auditoria do Tribunal de Justiça Militar em Porto Alegre
- Surge o jornal *Opinião*, semanário da imprensa alternativa
- 1973 – Raul reingressa na UFRGS. Retoma a reorganização orgânica
- Golpe no Chile. General Augusto Pinochet assume o governo
- 1974 – Derrota eleitoral da ARENA. MDB abre-se como alternativa de uma frente contra a ditadura. Ernesto Geisel assume o Governo Militar
- 1975 – Cresce a mobilização estudantil para reorganizar a UNE. EUA reconhecem derrota no Vietnã
- 1976 – Setor jovem do MDB elege Marcos Klassmann vereador em Porto Alegre com a campanha “Vote contra o governo”, apoiado por grupos de esquerda que se reorganizam
- Raul faz pós-graduação na UNICAMP, estabelece relações com o grupo “Centelha” de Minas Gerais e retoma contatos com o POC/SP
 - Em POA, o IEPES (Instituto Estadual Políticas Econômicas e Sociais) do MDB constitui-se num espaço de reaglutinação de várias correntes de esquerda. A luta pela Anistia e liberdade para os presos políticos é um dos eixos de atuação
- 1977 – No final do ano, surge o periódico EM TEMPO, frente de jornalistas e ativistas que rompem com o

ENTREVISTA

RAUL PONT

periódico *Movimento* e organizam o novo jornal para ser um “instrumento de luta socialista”

- Raul ingressa como professor na UNISINOS, passa a atuar na oposição sindical do Sinpro/RS e compõe a coordenação do Em Tempo no RS

- Organiza-se a Tendência Socialista do MDB, a partir da ação do Setor Jovem e da corrente estudantil “Nova Proposta”

1978 – Nova derrota da ARENA. MDB vence em 16 Estados. No RS, a Tendência Socialista do MDB elege Américo Copetti deputado estadual

- Cresce a luta pela reorganização partidária com a Anistia e a volta dos exilados

1979 – Mais uma vez, os quartéis elegem o presidente: João Batista Figueiredo

- O periódico EM TEMPO assume a defesa editorial do movimento pró-PT

- A Tendência Socialista do MDB/RS sai em bloco do MDB e assume a organização do Movimento pró-PT no Rio Grande do Sul, junto com sindicalistas, intelectuais e movimentos populares

- Explodem as greves massivas no ABC e em todas as capitais

1980 – 10/02/1980 – Fundação do Partido dos Trabalhadores em São Paulo, com delegações de todo o país